

PUBLICAÇÃO QUINZENAL  
DE TURISMO, PROPAGAN-  
DA, VIAGENS, NAVEGA-  
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA  
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE DEZEMBRO DE 1916

ANO I—N.º 11

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA  
PAGAMENTO ADEANTADO  
ANO... .. 1\$00 SEMESTRE... 5\$0  
NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS.

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO  
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO  
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO DA ABBEGUARIA, 28 — TELEPHONE 2337-C. — LISBOA

## A ARTE PORTUGUEZA NOS NOSSOS CAMINHOS DE FERRO

COM a introdução dos caminhos de ferro em Portugal, desnacionalisaram-se por completo as nossas edificações.

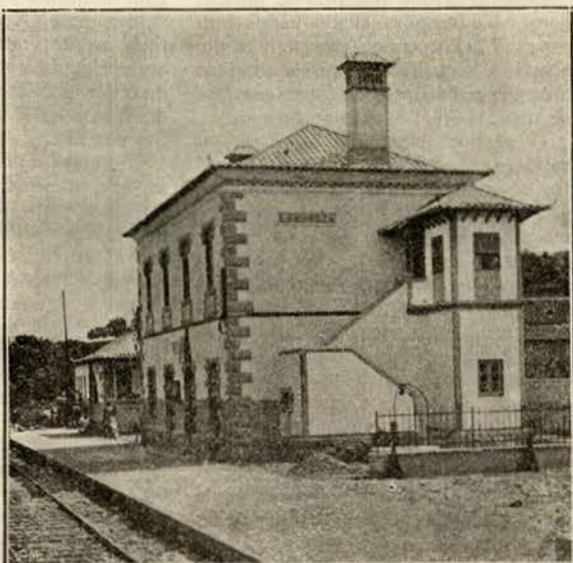
Veiu a importação, e encheu tudo. Procurou-se dar ao nosso paiz, um aspecto estrangeiro, não se lembrando ninguem que, como na lingua que se fala, nas edificações reside a nacionalidade.

Se um excursionista estrangeiro, viajar pelos nossos caminhos de ferro, nada mais lhe salta á vista, diferente do que vê lá fóra, do que a paisagem e os costumes; pois as estações ferroviarias dão-lhe a ideia de um paiz banal, sem tradições.

N'umas linhas, as estações são uns edificios sem gosto, de quatro paredes com janelas e cobertura á franceza; n'outros é a importação, por exemplo: na do Vale do Corgo, impera o *chalet* suíço, como se ali houvesse permanentemente gelos a derreter; na linha do Vale do Vouga, como aquella construída ha dois dias, utilizou-se tambem a edificação estrangeira, tendo porém esta a vantagem na elegancia da construção que adoptou.

Já em tempos a Repartição do Tu-

risimo, tratou este assumpto, solicitando á administração dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro para que as estações, do prolongamento a Chaves, da linha do Vale do Corgo, fossem construídas no estilo portuguez antigo.



A NOVA ESTAÇÃO DE LAMAROSA

E temos hoje a satisfação de dizer que o Conselho de Administração do Caminho de Ferro do Estado, resolveu satisfazer os desejos d'aquella repartição.

E' muito pois para louvar, que não só a estação de Chaves, como a da fronteira, assim sejam construídas, pois sendo esta linha em breve ligada á

de Orense, muito movimento terá de passageiros.

Ultimamente a Companhia Portugueza, deu em adoptar para as suas novas estações e para outras que transformou, um typo tradicionalmente portuguez, que veio deixar uma excelente impressão n'aquelles que amam as nossas tradições, quasi desaparecidas.

Assim, as novas estações de Lamasosa, na linha do Norte e das Mercês na linha de Cintra, perfeitamente eguaes, atestam bem o interesse da companhia em dar um aspecto nacional ás suas linhas. E depois a transformação das estações da Granja e Aveiro, no mesmo estylo portuguez, com grandes e artisticas fachas de azulejos com paisagens e monumentos nacionaes, veio acabar de o confirmar.

Não alimentamos nós a esperanza de ver todas as estações da Companhia, transformadas, nem mesmo coisa que se pareça com isso, pois o seu dispendio vae muito além da boa vontade da sua administração, mas estamos certos que, outras mais se irão transformando, como seja por exemplo a do Carregado, a do Monte Estoril, a de Vila Nova d'Anços a futura de Miramar, e mais algumas cujo movimento necessita, da sua transformação ou ampliação.

Mas seria caso para nosso jubilo, se a companhia procedesse á transformação, para o estylo portuguez, das estações fronteiriças de Marvão e Elvas, para que o estrangeiro ao chegar a Portugal notasse logo, que entrou n'um paiz onde ha arte e bom gosto.

A estação de Elvas não passa de um vasto casarão sem linhas de arte e sem comodidades, e a de Marvão, é um pardião improprio para uma estação fronteiriça, dando ambas ao viajante, uma nota muito desagradavel do nosso paiz.

Exaltámos no nosso penúltimo numero, a necessidade de se collocarem estações telegraphos-postaes nas nossas estações de fronteira e de entroncamento, e por isso seria tambem muito util que, uma vez essas estações transformadas e ampliadas, se contasse com

a dependencia para a estação postal.

Afigura-se-nos que não atiramos o nosso desejo a ouvidos moucos, e oxalá assim fosse, para o desenvolvimento do tradicionalismo nacional.

GUERRA MAIO

argilas, diluivium rubro, turfas (ou como deva chamar-se-lhes na difficulosa terminologia paleontológica, que sinto, como profano, ignorar), acode, naturalmente, o verso de Ariosto:

*Natura il fece e poi ruppe la stampa,*  
(Natura o fez, depois quebrou seu molde :)

Ou o de Lord Byron :

*The dust we tread upon was once alive !*  
Foi vivo, outrora, o pó que hoje pizámos !

A água que se infiltra nas camadas calcárias dissolve, pelo acido carbónico, o carbonato de cal que encerram. A dissolução de bicarbonato de cal, chegando á abóbada, perde, pouco a pouco, água e acido carbónico, transformando-se em carbonato neutro, que se depõe lentamente, formando pequeno anel, que continúa a augmentar, em diámetro e comprimento, por novas gotas. Assim se formam os cones invertidos, que se chamam estalactites, seguros na abóbada pela base. A água que cae no solo depõe, evaporando-se, o resto do carbonato de cal e constitue outros cones (estalagmites). Com o tempo, podem juntar-se ás estalactites e formar colunas, lizas, ou ericadas de pontas cristalinas. Não vi no Olho da Mira, d'essas, que decoram, por vezes, com majestade, as grutas e cavernas subterraneas. A *das Donzetas* no Herault, a das Fadas, a de Antiparos (no arquipélago grego) são, n'esse género, maravilhas celebradas (pag. 3 da Hidrologia Geral do sr. Antonio Alves Ferreira. Paris, 1867.)

O trajeto no *Olho da Mira* foi, de repente, impedido por um grande depósito de agua. Retrogradi, sentindo não levar petrechos para fotografar á luz do magnésio, nem barcos desmancháveis, de que falarei mais tarde. Comecei a subir areias soltas e fundas, cançadissimo já. Debalde implorava eu á Rosa, que fosse mais devagar. As suas pernas transpunham, como galgas de aço flexivel, ou aligeras lebres, as arenatas movediças. Vamos, que, se a de Urias corresse tão veloz, nunca tivéramos os *Penitenciais*. Com as faces banhadas de suor, senti-me extenuadissimo, sem comparação mais que quando, em 1887, escalei, ao entardecer, a cratera do Vesúvio em erupção, indo a cavallo desde Pompeia até á raiz do monte. Quando me vi fóra do subterraneo, senti alívio imenso. Dei á Rosa vinte e cinco centavos e dez ao rapasito, que ficaram pulando de contentes. A excursão pela caverna teria durado umas duas horas escasas. Guiado ainda pela Rosa, subi a Mira, despedindo-me d'aquella n'uma venda, á beira da estrada, onde accitou um refresco.

## O MISTERIO

DA

### LAGÔA DE MINDE E MIRA E SUAS CAVERNAS ADJACENTES

Continuado do n.º 10 (pag. 78)

RESOLVIDO a percorrer as cavernas, diriji-me pelo mapa ao *Olho de Mira*, lá para o extremo norte da Veiga. A mais de doze mulheres, que lidavam lavando, disse, sentando-me n'uma pedra, o intuito que levava. Uma d'elas — a Rosa — observou logo: o sr. não acerta sosinho; nem pode andar sem luz pelos subterraneos, que são compridos, tortuosos e, por vezes, estreitos, baixos e empinados. A esta judicioso reflexão retorqui: as senhoras não gostam de ganhar dinheiro? — Se gostamos! volveram em córo. Pois eu dou doze vintens á que fór a Mira comprar-me um pacote de velas. — Palavras não eram ditas, saltou fóra da água uma rapariga, dos seus 18 ou 20 anos, bela como a a Lua cheia de Agosto. Velando com as saias a mais *elequente exposição de principios* que tenho visto, disse resoluta: Vou eu lá, senhor. — Dei-lhe cinquenta centavos, em moeda de prata inteira e reluzente, e tornou, em menos de tres quartos de hora. Quando recebi a encomenda e o trôco, senti ganas de dizer-lhe, apesar das brancas, (mas não disse, para não dar razão aos de Minde, nem ofuscar a memoria de Bethsabé) o seguinte madrigal:

*Partindo avaro baetão,  
A partir de alcos joelhos,  
A parte da exposição  
Que partia dos artelhos...  
Partiu-se-me o coração!*

*Se das premissas unidas  
Mero eclipse abala vidas,  
Quem não morrerá (Sansão  
Entre colunas partidas)  
Se chegasse á conclusão?*

*Tão donosa flor da Mira,  
Esbelta, sadia e forte...  
Se da Veiga aos Cêus subira,  
Logo o eixo da Terra vira:  
Ficava estrêla do Norte!*

Insistindo a Rosa que eu não acertava, propuz me guiasse, ao que accedeu. De caminho, fui inquirindo do seu estado.

— Eu não sei, senhor, se sou casada.

— Ora essa!

— E' que meu marido foi, ha mais de duas semanas, trabalhar lá para as bandas do Barreiro, e ainda me não deu noticias.

Estava dorida de tamanho descuido.

Quando menos o esperava, diz-me, depois de termos saltado varios muros: E' ali, senhor, apontando um apertado boqueirão. E eu, desconfiado (quasi incrível, por que esperava cousa de maior): Ali?! — E ela: Ali mesmo.

O senhor tem medo?! — E eu, fazendo das tripas coração: Medo?! Eu... medo?! Então a senhora que usa saias... Saiba que, para mim, o melhor das viagens são os lances criticos. Viagem sem elles é comêta sem cauda, ou pavão sem leque de sóis. — Então vamos lá, disse a descalça e animosa matrona.

Surgira ao pé de nós, como por encanto, um rapazete de uns onze anos, chamado Luiz, e todos três, acachapados, enfiámos, repartidas as velas, pelo acanhado buraco.

lá a Rosa adiante, e fechava o prestito o rapasito. Por lá andei centos de metros, subindo, descendo, umas vezes rastejando como cobra, outras anão, de cócoras, outra de cabeça erguida, qual girafa em sumptuosas florestas, admirando as estalagmites e as estalactites.

Que sequencia interminavel de barros marginaes e gredas humidas, caractericas, capazes de modelar milhões das *maquetes* mais colossaes! Que escriptos indefinidos, absconditos, repletos de maravilhas, á espera de espiritos preparados e laboratorios idónios, para se desentranharem em fósseis quiza desconhecidos! Em presença de tais limos, nateiros, rochas, marnes,

## TURISMO NACIONAL

Tomando pela estrada distrital na direção de Minde, depois de algumas perguntas e diversas voltas, descobri o *Poio da Pena*, poço de bordos altos, com 0.<sup>m</sup>75 de diâmetro, que medi com o guarda-sol. Para o lado da Veiga, tem especie de açude de quatro comportas, e casebres com três portas fechadas, cujo destino fiquei ignorando.

Segundo informações prévias, tinha de descer, a prumo, a altura de um terceiro andar, firmando-me nas pedras, pois não levava *descensor de estribos automaticos*, de que mais tarde falarei. Era quasi noute, estava só, e começou a choviscar. Embora tenha muito mais que ver que *Olho da Mira*, por prudencia prescindi da nova exploração, e regressei a Minde para jantar, scismando na bela Moira que, segundo conta Pinho Leal, costuma aparecer por ali cantando:

*Mais vale o Poio da Pena,  
Com os belos penedaeis,  
Que Santarem e Lisboa  
Com seus grandes capitais.*

A. ANSUR.

(Continúa.)

## CONGRESSO HOTELEIRO

PROMOVIDO pela Repartição de Turismo, reúne-se em Abril proximo em Lisboa este congresso que, a avaliar pela sua importancia, turistica e social, deve trazer a Lisboa grande numero de proprietarios de hotéis; sendo mesmo natural que poucos hotéis deixem de se fazer representar, atendendo a varios assumptos de elevada importancia que serão tratados e certamente resolvidos, pois nos hotéis está a vida do turismo, nova e proficua fonte de receita para as nossas industrias e commercio.

Ha já varias theses: do sr. Dr. José de Atayde, illustre director da Repartição de Turismo, Propaganda de Portugal, da Sociedade Propaganda e de feza de Coimbra, do sr. Manuel Roldan etc.

A convite do sr. Dr. Atayde, tambem o nosso redactor principal apresentará uma these, e em que tratará *Pequenos hotéis*.

## EXPEDIENTE

—Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do país.

No primeiro artigo que tivemos a honra de escrever para esta Revista e que foi publicado em o seu n.º 4, fizemos — sem qualquer intuito de pretensão, mas unicamente como expansão do nosso sentimento — uma ligeira critica do turismo em Portugal, apreciando-o d'uma forma geral e singela, se bem que talvez um pouco mordaz — mas verdadeira.

N'esse artigo manifestámos a nossa opinião, de que o turismo em Portugal não poderá nunca attingir o grau de desenvolvimento em que desejavamos ve-lo sem que uma completa revolução transforme o nosso systema educativo. E assim continuamos a pensar. Todavia, como será improvavel vèrmos, ainda nos nossos dias, operar-se essa metamorphose, cuja principal base tem de ser a nossa propria nacionalisação e o nosso real aporuguezamento, julgamos de nosso dever, como consequencia da tarefa que nos impuzemos, modificar, tanto quanto em nossas forças caiba, o modo de sêr e de viver nacionaes, despertando-os da apathia que os envolve, e enthusiasmando e incitando as gerações do nosso tempo ao culto do que nos pertence, pois que indicado está já o nosso critério quanto ao modo que pensamos dever ser seguido para que as gerações futuras saibam engrandecer o patrimonio que lhes legarmos.

Assim, e propriamente dentro da esphera da sua acção, a nossa *Revista* tem vindo, embora com a sua debil voz, mas com a enorme pureza de sentimentos que a animam, espalhando gradualmente e segundo a oportunidade, as bellezas do nosso Paiz. E' uma ardua e penosa tarefa, tanto mais ingrata quanto maior é o nosso desejo de tocarmos a corda da sensibilidade Luzitana. Como, porém, só temos em mira fazer vibrar a alma nacional, acorda-la d'esse somno de repouso em que a prostou a vida agitada e glorioza dos nossos antepassados, e atrahi-la para a necessidade urgente da sua expansão; isso nos leva a proseguir, com vigor, na nossa obra, ateando o estímulo, estimulando o incentivo e despertando o desejo e a curiosidade pelas descripções e resenhas do que de bello, de magestoso, de historico, de apreciavel se encontra n'esta nossa Patria que dir-se-hia bafejada pela Fortuna se outros fossem os seus habitantes...

D'est'arte — e dada a quadra que atravessamos, durante a qual a vida se concentra nas grandes cidades e — principalmente — na Capital, parecemos azada occasião de dedicarmos especiaes referencias a cada um dos

motivos que constituem os preciosos quadros d'este magistral muzeu que é Lisboa, instruindo e orientando, na medida das nossas forças, a população fluctuante que consigamos trazer á Capital durante o inverno.

Este nosso intento será, talvez, por muitos tomado á conta de pretenciosa vaidade; mas seja-nos permitido dizer que elle obedece simplesmente á idéa que fazemos, de que a maioria dos provincianos que nos visitam limitam a sua acção e satisfazem a sua curiosidade com os passeios pela Baixa e ruas centraes, com as audições theatraes, e... ficam por ahí; desprezando, assim, completamente, o que de preferencia deviam admirar, e que são as joias de valôr, artisticas e historicas que possuímos; a applicação da nossa actividade no que de regozijo pode causar ao espirito e de util augmentar os nossos conhecimentos; isto — bem entendido — para que quando visitarmos os paizes estrangeiros, não nos extasiemos deante de obras primas, de monumentos, muzeus de arte applicada e esthetica, dando aos outros a impressão da sua superioridade e da nossa inferioridade, por desconhecermos o que de bom, de inimitavel e de original existe na nossa Terra.

Deixemos o nosso exquesito gosto pelos estrangeirismos, e nacionalisemos a nossa sensibilidade, os nossos sentimentos, a nossa educação enfim, pois só d'esta fórma conseguiremos ser gente no conceito alheio.

E' pois, este artigo o prefacio da obra que pensamos traçar nos subsequentes numeros da nossa Revista, descrevendo as *curiosidades* que a *Felicitas Julia* (nome porque Lisboa era designada no reinado de Domiciano) offerece aos que a visitam sem ser na unica intenção de admirarem os Grandes Armazens Grandella ou do Chiado, nem de ficarem perplexos ante a altura do Elevador do Carmo, e do panorama que se disfructa do seu patamar superior, ou, ainda, do tamanho da esttua eregida a D. Pedro V e da luxuosa installação dos carros electricos, etc. etc.; isto, para vêr se evitamos que ás gerações futuras succeda o mesmo que, uma noite d'estas, n'um comboio para as Caldas, ouvimos a um moço portuguez, ricoço, educado em Inglaterra, e foi o seguinte: — *que sabia uma qualquer coisa que se fuzia na Argentina mas desconhecia qual era o rio que passava por Thomar...*

Este era até capaz de dizer que... Lisboa se resumia no Rocio.

JOSE LISBOA

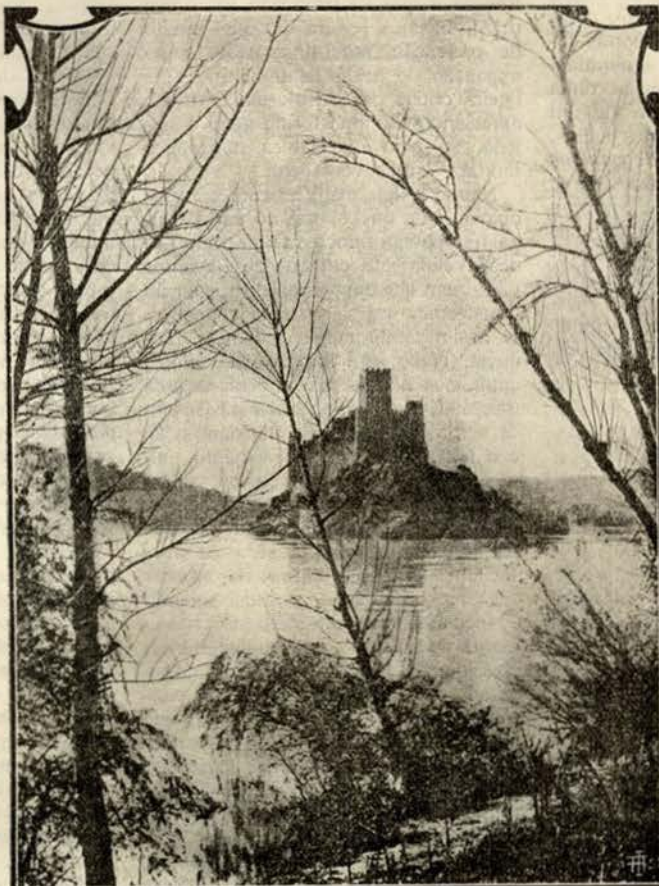
## PAISAGENS PORTUGUEZAS

## O VALE DO TEJO

QUANDO o comboio desce de Castelo Branco para o vale do Tejo, deixa ao viajante, na sua passagem, pela charmea interminável, onde as estevas estendem o seu manto bravo, um ambiente de tristeza, e mais se acentua, quando no rolar ondulante do comboio, se lhe deparam esses vales asperamente cavados, sem oliveiras e sem vinhas, apenas com figueiras bravas, que junto ao murmurar do riacho a fugir entre penedos soltos, anunciam o abandono humano.

Passa-se emfim a charmea, e aparece-nos o Tejo ondulando entre os olivados sem fim, que o Tejo alaga nas enxurradas, e o sol fecunda pelos rigores de Agosto; e aquele vale que se aproxima é como uma notícia que nos sorri e nos faz esquecer uma magua que nos acabrunha e nos dilacera a alma.

Mas a alegria é fugaz, porque ao passarmos ás Portas do Rodam, onde o Tejo se comprime, como que á espera que lhe aproveitem a corrente, e com ela mover a engrenagem que se desfaz em luz e mais abaixo, apertase tambem entre os penedos, onde a azenha não gira,



O CASTELO DE ALMOUROL

e onde o trigo como no Douro, se podia desfazer em farinha alva de neve, e ainda ao contemplarmos os montes que descem vestidos de mato bravo, que podiam agrinaldar-se de vinhedos, que aquele sol bemdito, faz amadurecer, deixando-lhe dentro da uva loira, um licor precioso, mas que não tenta o lavrador faze-la multiplicar; a nossa alma abate-se novamente ante a idéa que a nossa bemdita terra, com tão profucuos elementos e com um sol tão amigo, não encontra entre os seus filhos a enchada que a possa revolver.

E assim caminhamos no desenrolar continuo de

esse vale do Tejo, abandonado, mas a sorrir-nos sem que ninguem se tente a faze-lo sorrir.

Chegamos a Abrantes e então, ante a terra amanhada e vestida de oliveiras moças e de altos trigaes, vemos que ali o homem melhor soube compreender a terra; e a paisagem começa novamente a encher-nos a alma de suavidade e de alegria campesina.

Lá em cima, Abrantes, a historica vila, mirando-se no Tejo, deixa-nos tambem do alto do seu castelo, mirar uma extensa paisagem toda uma planicie de olivados, cortada pelo Tejo, entre salgueiraes, que beija com amor, e eucaliptos que retrata com carinhosa ondulancia.

Mais abaixo Vila Nova de Constancia, entre o Tejo e o Zezere debruça-se nas aguas espelhadas, como uma pomba branca, bebendo na margem placida de um lago.

Depois o Castelo de Almourol, das amorosas lendas, com as suas onze torres, faz-nos lembrar uma gigantesca corôa de rainha a nadar nas aguas mansas do Tejo.

E de noite, ao luar, o Castelo toma taes proporções de phantasia, que nos transporta aos doces dominios da chimera e ás candidas historias da fabula.

Sempre entre os salgueiraes, debruçados sobre as suas aguas, o Tejo entra nos vastos campos da Golegã, a «terra chã da leziria e do boi», como dizia Eça de Queiroz, fazendo cavalgar n'um potro, atraz das manadas de garraios, o admiravel Fradique Mendes.

Agora a paisagem, não deve ser admirada no comboio veloz, deitando cem kilometros á hora, mas em barco rio abaixo, entre as extensas filas de choupos vergados em respeito á passagem do Tejo, cheio de magestade, cheio de grandeza.

E atravez as extensas lezirias, que, numerosas juntas de bois revolvem, e as ganaderias com campinos, montando cavalos ligeiros, e de vara alta, a guarda-los, fica-nos a impressão de uma raça agil e laboriosa.

Depois de oscular Santarem, o Tejo alaga-se entre as lezirias para dar força á terra, e passagem aos barcos do pequeno comercio.



GOLEGÃ - UMA BOIADA

Mas nas noites em que a lua se espelha nas suas aguas já salinas e sem vaga, ao tomarmos o barquito ribatejano, esquecemo-nos das cousas da vida, como se esquecem aqueles que se cruzam á nossa passagem com a vela em calmaria, cantando uma canção dolente, lembrando os feitos heroicos dos seus antepassados a caminho das paragens incertas de além mar.

E o barquinho, só impellido pela corrente, vem nos trazendo até á grande cidade adormecida aos bicos do gaz, a nossa querida Lisboa, out'óra guer-

## FONTE DE SABROSO

**N**INGUEM ao passar no caminho de ferro faz uma ideia de que é a fonte de Sabroso.

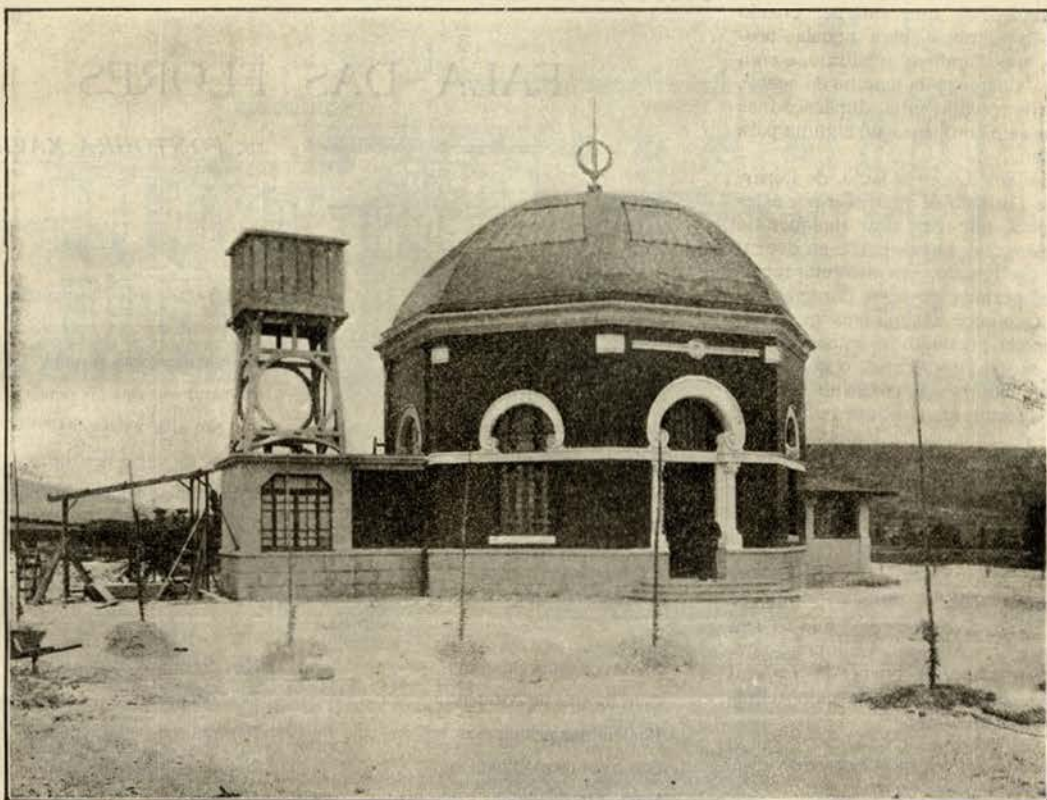
Toda a gente olha para o grande pavilhão, com a indiferença com que vê uma cousa banal que se nos depara no nosso caminho.

No entanto, quem lá fôr, ao assomar da porta que lhe dá acesso fica maravilhado com tão monumental obra de arte.

Ao contrario de outros nascentes, a Fonte de Sabroso é um manancial abundantissimo e considerado como das mais alcalinas aguas de mesa, o que é atestado pelas centenas de milhares de garrafas que d'alí sahem anualmente.

Talvez pareça isto um puro reclame, mas não, é apenas justiça.

Para terminarmos devemos dizer que o pavilhão é obra do sr. Silva Junior,



PAVILHÃO DA FONTE DE SABROSO

reira e mercadora, e hoje esquecida dos seus navegadores que dormem sobre as frias lages dos Jeronymos.

Mas não os acordemos. Deixemo-los antes dormir.

GUERRA MAIO

## CONSULTAS

*Esta secção é destinada a consultas dos nossos estimados leitores, sobre viagens, excursões, hotéis a preferir, trajectos a percorrer, e sobre todos os assumptos que se ligam com o turismo.*

A escadaria, por si só, é tudo. Lançada em dois lacetes vae contornando as paredes da nascente, em caprichosas curvas, até que vae baixar a sete metros de profundidade, junto á nascente da magnifica agua de mesa.

E de lá de baixo, ante a amplitude do soberbo pavilhão, e com a luz coada pelas vidraças baças e de cores variegadas do tecto, fica-se com a impressão que descemos ao fundo d'esses poços encantados de que nos resam as historias lendarias do passado.

E ninguem ao contemplar aquella obra, deixa de perguntar quem foi o artista que a executou, e de louvar a Empreza das Aguas de Vidago pelo gosto artistico que emprega nas suas edificações.

o feliz architecto do pavilhão da fonte de Vidago, de que fizemos referencia no nosso ultimo numero, e que actualmente está procedendo á construção do edificio balneario de Vidago, de que depois falaremos.

## «TELEGRAMAS EM VIAGEM» E «COMBOIOS DO ALGARVE»

**P**OR iniciativa do Sr. Dr. José de Atayde, a Repartição de Tutismo, representou á Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, insistindo pela criação das estações telegrapho-postaes nas estações de Pampilhosa, Guarda e Vilar Formoso, conforme a exposi-

ção sobre o assumpto, fizemos no nosso penultimo numero.

E depois da resposta da Companhia da Beira Alta, vae, ao que nos consta, a mesma repartição, instar com o sr. Director Geral dos Correios, para que a criação das estações-postaes sejam um facto, e se acabe com a enorme vergonha que a sua falta nos traz.

Tambem o sr. Dr. Atayde representou ao sr. ministro do Trabalho para que seja melhorado o serviço de comboios para o Algarve, conforme aqui dissemos no nosso numero anterior, e a sua oportunidade não podia ser maior, pois consta-nos que vae ser creado um novo comboio para aquella provincia, mas tambem nocturno, e com pequena differença da marcha do actual, o que representa uma duplicação de serviços sem compensação alguma para o publico.

Regosijámos com o facto, da Repartição de Turismo se interessar por estes assumptos, que v'ria tirar qualquer má impressão que ouvesse, d'essa dependencia do Estado, em ser uma repartição empestada de peias burocraticas.

Não acontece assim, pois os serviços por ela prestados á causa do Turismo, são já importantes, o que honra sobremaneira o seu conselho e o seu digno director sr. Dr. José de Atayde.

## BIBLIOGRAPHIA

### AUTO DO SOL-POR

**T**EMOS sobre a mesa este interessante livrinho, em que o seu auctor o sr. Adriano Coimbra, uma alma sonhadora de poeta dá ázoz á sua lira sentimental, e de cujo retiramos estas quadras:

*Quando o sol por entre os cerros  
Esconde as faces vermelhas,  
Baixemos ao povoado  
Como ao cortiço as abelhas.*

*Tiveste-me amor outr'ora  
Hoje não! E não tens dor!  
As meninas dos meus olhos  
São viúvas d'esse amor.*

*Cruzeiros da minha terra,  
São braços desamparados!  
Onde devem abraçar-se,  
Todos os mortificados.*

### RELATORIO DO AUTOMOVEL CLUB DE PORTUGAL

**R**ECEBEMOS o relatório d'esta prestantante colectividade, relativo ao ano de 1915, e em que são historiadós os seus serviços, que como

toda a gente sabe, são relevantes: como seja colocar marcas ás passagens do nivel, que ele diz estarem já em todos da Companhia Portugueza, Beira Alta, Companhia Nacional, e em breve serão colocados no Minho e Douro, e tambem colocar letreiros, com o nome das terras á entrada das povoações.

Não tem tambem o Automovel Club descurado a questão das estra-

das, insistindo com o governo para que mande reparal-as e concluir a rede geral, o que bem necessario se torna.

Vem o relatório acompanhado de mapas elucidativos sobre o movimento do Club, mostrando que ele é importante para um meio refractario, como o nosso, a clubs ou sociedades de especialidade.

## ARTE E LITERATURA

### FALA DAS FLORES

DE FONTOURA XAVIER

I

Nós somos as mensageiras  
Dos beijos do teu amigo.  
D'essas estancias ligeiras  
Nós somos as mensageiras,  
Depõe-nos nas jardineiras  
E ficaremos contigo...  
Nós somos as mensageiras  
Dos beijos do teu amigo.

IV

Douraram-se aquellas pennas  
Nas penas que o fazem triste,  
Nas suas maguas serenas  
Douraram-se aquellas penas,  
Não são alegres apenas  
Porque de dor o vestiste...  
Douraram-se aquellas pennas  
Nas penas que o fazem triste.

II

São aves estas chimeras  
Com formas de «trioletes»,  
Pipilam nas primaveras,  
São aves estas chimeras,  
Veem em bando das espheras  
Para cantarem-te aos pés...  
São aves estas chimeras  
Com formas de «trioletes».

V

Não deixam o pó dourado  
Das azas sobre o teu rosto,  
Não querem vê-lo nublado,  
Não deixam o pó dourado,  
Por não vê-lo maguado  
Do tristissimo desgosto,  
Não deixam o pó dourado  
Das azas sobre o teu rosto.

III

Possuem as azas d'ouro  
Das phantasias aereas  
As «aves» tem seu thesouro,  
Possuem as azas d'ouro.  
Voaram cantando em côro  
As tuas formas ethereas...  
Possuem as azas d'ouro  
Das phantasias aereas.

VI

Voltae, canções desoladas,  
Ao vosso ninho de dores.  
Se não lhe traseis risadas,  
Voltae, canções desoladas.  
No peito das bem amadas  
Melhor assentam as flores...  
Voltae canções desoladas,  
Ao vosso ninho de flores.

## ESTAÇÃO THERMAL DO ESTORIL

## O PALACIO DE SPORTS

O edificio cujo projecto reproduzem as nossas gravuras, é destinado a ser colocado ao centro da grande pista de corridas de cavalos, bicycletas e outros generos de sports, que largamente serão cultivados na futura e grandiosa Estação Thermal do Estoril, que está destinada a ser a

O edificio é construido em alvenaria, empregando-se o béton armado nos terraços, pilastras e columnas. A cobertura é de telha systema marselez.

Deve ficar um dos edificios mais importantes e elegantes das Thermas do Estoril, cuja inauguração estaria já para breve se a crise economica pro-

minação d'esta malita guerra, possa-  
mo ter a esperança de que o nosso  
lindo torrão, terá tambem, como outros  
com muito menos atractivos, o direito  
de esperar que ele será visitado e apre-  
ciado pelos estrangeiros, que gostam  
muito de viajar, mas tambem de en-  
contrar atractivos e comodidades, que  
não se importam de pagar por bom  
preço, e que é receita importante, que  
entra como elemento de progresso e  
bem estar, para o desenvolvimento eco-  
nomico do paiz.

N. C.



FACHADA PRINCIPAL

mais importante da Península, a julgar pelos trabalhos já feitos, pelos projectados e pela sua extraordinariamente bela situação na Europa.

E' auctor d'este projecto, como o de outros muitos para as mesmas Thermas, entre as quaes, o Pavilhão da Floresta, a Garage, o Hotel de segunda ordem, etc., e etc., o distincto architecto, sr. Antonio Rodrigues da Silva Junior, cujo talento se tem evidenciado já em inumeros trabalhos importantes em Vidago, no projecto da fabrica de cerveja ex-Germania, hoje Portugalia, na reconstrução do Grande Hotel Central, no Caes dos Sojré, etc., etc.

O pavimento terreo do Palacio dos Sports é occupado pelo guarda-roupa das equipas e vestiarios para homens e para senhoras, sala do comité, secretaria, *garde-manger*, lavalos, retretes e uma copa para creados.

No segundo pavimento ficam: o grande salão, a sala de jantar, *hall*, sala de fumo, gabinete da gerencia, cosinha, copa e terraços.

Na torre ou corpo em terceiro pavimento, ficam as dependencias de creados e arrecadação.

Os terraços são apoiados sobre fiadas de pilastras e columnas com capitais e os gradeamentos são em ferro forjado.

Interiormente as salas do primeiro andar são luxuosamente decoradas.

veniente da guerra europeia não tivesse vindo obstar a que o desenvolvimento dos trabalhos podesse seguir com a regularidade desejada.

Consta-nos porém, que apesar d'este serio entrave, uma nova empresa constructora vae em breve proseguir nos trabalhos já em relativo estado de adiantamento.

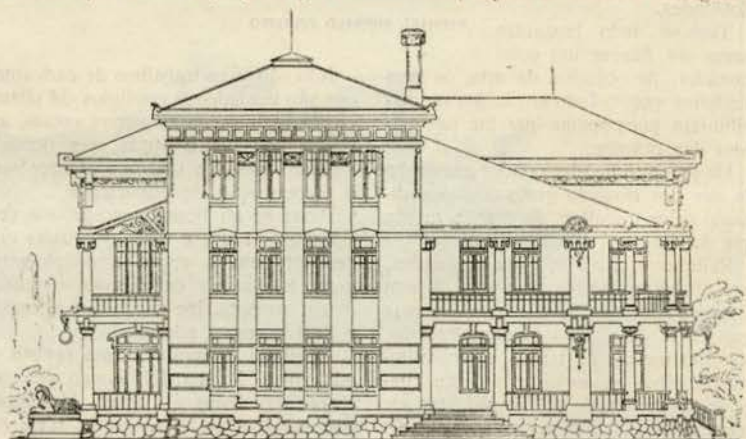
Oxalá que assim seja, para que em

## NAVEGAÇÃO PARA O BRAZIL

E' hoje que finda o praso para a entrega de propostas, para a exploração de uma carreira regular entre Lisboa, Madeira, S. Vicente, Rio de Janeiro e Santos, e outra para a Madeira, Pará e Manaus.

Consta-nos que ha varias propostas e algumas de casas de grande importancia comercial e financeira.

Oxalá, sejam as carreiras entregues a



FACHADA LATERAL

breve nós possamos ufanar de que já temos um meio importante de atractivo de turistas a Portugal, o que, conjugado com outros elementos que sem duvida se desenvolverão depois da ter-

peças competentes, e se não vá dar o caso da Mala Real Portuguesa, hoje ainda considerado um reccio para muita gente.

Não quizemos emitir a nossa opinião sobre as bases do concurso, por entendermos, que, era preciso lançar a carreira de qualquer forma, e uma vez estabelecida, ella propria trataria de se colocar á altura que lhe compete.

## MUSEU BORDALO PINHEIRO

**D**AS coisas que mais atrai um turista a uma cidade, são os seus museus.

Muita gente tem ido de propósito a Madrid, mais para admirar as telas do *Museu del Prado* e da *Bibliotheca*, que para gosar as delicias da capital hespanhola.

Lá fóra, onde o turismo é cultivado com carinho e proficiencia, são os museus o ponto obrigatorio para visitas dos excursionistas. E ha museus, de inferior importancia mas que tem sempre gente avida de curiosidades, a ve-las e a admira-las.

Entre nós, diga-se em abono da verdade, alguma coisa se tem feito em prol dos nossos museus, alguns bem pobres, é certo, mas que mais pobres seriam se não tivessem absolutas dedicações a cuidar d'eles.

Mas tudo o que existe é de iniciativa oficial, tendo sempre os colecionadores de coisas de arte, feito ás vezes, em suas casas, verdadeiros museus, mas que são alheios ao publico; e raro os seus donos se lembram de o legar a qualquer instituição, para de futuro serem patentes ao publico enriquecendo assim as nossas poucas coleções de preciosidades.

Tem-se dado bastantes vezes ao falecer um colecionador, de objectos de arte, os seus herdeiros porem tudo em leilão, ou distribuirem por pessoas que lhe não sabem dar o valor.

Ha porem um colecionador que acaba de dar um rasgado gesto do sua dedicação pelos trabalhos do grande artista que foi Raphael Bordalo Pinheiro.

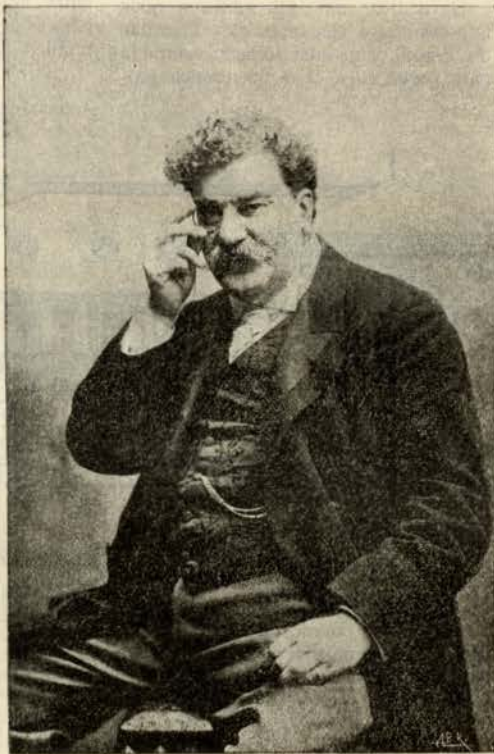
Referimo-nos ao sr. Cruz Magalhães, que abriu ao publico as portas da sua elegante casa do Campo Grande, e cuja gravura e descripção já aqui fizemos; com um recheio de tentos e tão valiosos trabalhos do genial artista, que chega-se a pasmar de admiração, ter ele conseguido reunir tantos e tão valiosos trabalhos.

Nada ali falta, desde as paginas do *Antonio Maria*, dos *Pontos nos iii*, do *Besouro*, da *Parodia*, até aos trabalhos em ceramica, em que Bordalo Pinheiro, se revelou um artista de genio.

São quatro, as salas, destinadas ao Museu, e qualquer d'elas estão tão cheias

de quadros com retratos, caricaturas, programas de festas, que não ha um lugar vago!

Depois o cuidado do sr. Cruz Magalhães, em dispor tudo, retem a admiração de toda a gente.



RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Não são só os trabalhos de caricatura que são verdadeiros prodigios de observação, mas até as pequenas coisas, os simples postaes e cartas, que Bordalo Pinheiro passava o tempo a fazer sem a preocupação da publicidade.

Passa-se ali horas esquecidas a ver, a admirar tudo, e mesmo aqueles que desconhecem a epoca e as personagens, a que as caricaturas expostas dizem respeito, lhe encontram interesse e lhes desperta admiração.

Como já dissemos n'esta revista, o edificio e Museu foi legado pelo sr. Cruz Magalhães á Camara Municipal, para depois da sua morte n'ele ser instalado no 1.º pavimento uma escola e no 2.º a conservação do Museu.

Agora ante a generosa e patriotica iniciativa do sr. Cruz Magalhães, nos ocorre perguntar, porque é que os admiradores dos grandes artistas do nosso paiz, não perpetuam a sua memoria, reunindo as suas obras, n'um

museu e deixar aos vindouros uma ideia clara, do que eles foram na vida?

Porque não hão-de os admiradores do Silva Porto, e de tantos homens de genio, reunir as suas obras, n'um museu e patentea-lo ao publico, sendo assim a melhor apothese lançada á sua memoria.

E certamente essa homenagem seria de mais elevada gratidão que, a do bronze na praça publica.

Um grande escriptor deixa, nos seus trabalhos o seu genio, todos o podem conhecer, mas o pintor, por exemplo, só no original da sua obra, pode ter a patente segura do fulgor do seu talento; e esse original exposto ao publico, seria a unica recompensa, e a unica apothese.

### COMBOIO INTERNACIONAL

**C**OMEÇA hoje, enfim, a circular o novo comboio rapido da companhia da Beira Alta, que permite a ligação do rapido que de Lisboa parte ás 8,25', com os comboios correios de Salamanca e com os rapidos do Norte de Hespanha e Meio Dia de França. Fazendo-se o trajecto de Lisboa a Paris em 46 h. e 20 minutos, o que nas actuaes circunstancias é muito importante.

N'um futuro proximo quando sejam restabelecidos o *Sud Express* e o rapido de 1.ª e 2.ª classes, entre Lisboa e Paris, o comboio agora estabelecido tambem ha-de prestar bons serviços, pois é o que melhor comodidades oferece ás relações de Lisboa com os Perineos.

### NÓS E A IMPRENSA

**O** nosso presado colega de Castello Branco, *Mocidade*, refere-se no seu ultimo numero á nossa revista com captivantes amabilidades que passamos a transcrever:

Visitou-nos esta bela Revista que quinzenalmente se publica em Lisboa.

Desde ha muito que no nosso Paiz se fazia sentir a falta enorme e criminosa, d'uma Revista d'este genero.

E' difficil a missão altruista da propaganda das belezas—que são tantas!—do nosso pitoresco Portugal; embora, oxalá que os seus dirigentes estejam sempre animados da vontade e entusiasmo com que iniciaram a sua obra que lhe podemos chamar grandiosa.

Agradecendo ao ilustre colega as suas palavras, somos a dizer-lhe que nos anima uma vontade de ferro, para vencer todas as contrariedades que se antepõem na nossa caminho.